

APROXIMAÇÕES ENTRE REPERTÓRIO E ARGUMENTAÇÃO NO TEXTO FICCIONAL

Uma proposta de ensino com base
na obra *Pântano de Sangue*

Maria Dayane da Costa Coelho¹

Shirlei Marly Alves²

RESUMO

Apresenta-se uma análise dos elementos que compõem o repertório na obra *Pântano de Sangue*, de Pedro Bandeira, estabelecendo aproximações com a argumentação. Além disso, propõe-se a desenvolver uma proposta de ensino voltada para os anos finais do ensino fundamental em que os alunos possam refletir sobre as questões abordadas na obra, identificando argumentos ao longo da narrativa, de modo a ampliar a compreensão sobre o processo argumentativo. Dessa forma, descrevem-se três subcategorias dentro do repertório: a norma, a tradição literária e o contexto histórico-social. A análise permitiu constatar a afirmação iseriana de que a ficção comunica algo sobre a realidade. Já

1 Mestranda em Letras (UESPI). Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino de Cantanhede - MA. CL: <http://lattes.cnpq.br/0832169541018408>.

2 Doutora em Linguística (UFPE). Professora do curso de Letras/Português (UESPI). Coordenadora do ProfLetras e do programa Residência Pedagógica. CV: <http://lattes.cnpq.br/7828918779492971>.

a argumentação se dá à medida que os elementos do repertório são utilizados para promover uma interação entre leitor e obra, de modo a reforçar valores, apresentar informações e conduzir o leitor a reflexões.

Palavras-chave: Literatura. Repertório. Argumentação. Ensino.

ABSTRACT

An analysis of the elements which constitute the repertoire in the literary work *Pântano de Sangue* by Pedro Bandeira is presented, establishing approaches with the argumentation. In addition, this article aims to develop a teaching proposal to the final years of the Elementary School, in which the students could think about the issues discussed in the work, identifying arguments throughout the narrative, in order to broaden the understanding about the argumentative process. Thereby, three subcategories are described inside this repertoire: the norm, the literary tradition and the social-historical context. The analysis has allowed to verify the Islerian statement which says that fiction communicates something about reality. The argumentation, on the other hand, develops as the elements of the repertoire are employed to facilitate an interaction between reader and literary work, in order to reinforce values, present informations and lead the reader to reflexion.

Keywords: Literature. Repertoire. Argumentation. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Quando Alice, famosa personagem de Lewis Carroll, cai em uma toca de coelho, começa a adentrar um mundo que, apesar de possuir semelhanças com o mundo real, é caracterizado pela presença de personagens e situações que rompem com a lógica humana. Esse “país das maravilhas”, onde tudo acontece, pode ser

comparado ao texto literário porque este também ressignifica o real pela ficção, sendo o leitor equiparado a Alice, pois, imergindo no mundo fantástico (literário), de início se vê perdido, mas aos poucos vai percebendo semelhanças, contextualizando e explorando caminhos, até se encontrar.

Tal percepção do literário como uma realidade transfigurada pode ser encontrada desde o conceito mimético aristotélico, que, por exemplo, entende o poeta como imitador e a tragédia, gênero altamente valorizado por Aristóteles, como uma imitação de valores e ações. Nessa mesma esteira, Cândido *et al.* (2009) afirmam que o mundo fictício da obra literária reflete momentos selecionados da realidade exterior à obra, tornando-se representativo para algo além dele.

Tendo em vista essa relação, optou-se por fazer o estudo de uma obra pertencente ao gênero policial, entendendo que ficção e realidade são bem marcadas nesse tipo de narrativa. Analisaram-se os elementos que compõem o repertório na obra *Pântano de Sangue*, de Pedro Bandeira, estabelecendo aproximações com a argumentação. A partir dessa análise, desenvolveu-se uma proposta de ensino voltada para os anos finais do ensino fundamental em que os alunos possam refletir sobre as questões abordadas na obra, captando argumentos, o que lhes possibilita ampliar a compreensão do processo argumentativo.

A experiência como professora nos anos finais do ensino fundamental permitiu constatar dois aspectos que justificam a

realização desta análise: o espaço reduzido dedicado ao trabalho com a literatura e a dificuldade dos alunos em se expressar por meio de textos do tipo argumentativo. Aliando-se a isso, os elementos que são próprios do gênero contribuem para captar a atenção do leitor, fator importante tendo em vista o público-alvo da proposta. Nesse sentido, a pesquisa se faz relevante socialmente, tendo em vista que, pela análise do texto ficcional e apresentação de uma proposta de ensino, subsidiará o trabalho do professor de português, especialmente aqueles da realidade em que esta autora faz parte. Além disso, destaca-se o fato de a pesquisa basear-se em um ponto de vista pouco explorado, uma vez que alia o repertório do texto ficcional e a tipologia argumentativa.

Para a análise da obra literária, fez-se uma abordagem qualitativa, valendo-se da descrição. Com relação à proposta de ensino, optou-se por adotar metodologias variadas em cada etapa, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e o *brainstorm*. Inicialmente, apresentam-se, de modo breve, características importantes do repertório com base no que postula Iser (1996) e discute-se a argumentação no contexto literário, tendo em vista o que colocam Amossy (2016) e Piris (2015). Por fim, é apresentada uma proposta de ensino a partir da obra de Pedro Bandeira e tecidas algumas considerações finais.

2 NA FICÇÃO: O REPERTÓRIO E A ARGUMENTAÇÃO

Ao analisar o texto ficcional, Iser (1996) é categórico ao denominar o texto literário como fictício, dessa maneira, a ficção não seria um polo oposto à realidade, tendo em vista que comunica algo sobre ela ao passo que necessita de elementos provenientes do real. Não é à toa que o modelo histórico-funcional do texto proposto pelo autor considera as relações texto e realidade, texto e leitor.

Para que haja uma convergência entre leitor e texto, Iser (1996) aponta que o texto ficcional deve englobar elementos que permitam a construção de uma situação. De forma ilustrativa, o autor faz uma comparação com os atos de fala, de Austin. Baseado nisso, Iser (1996) ressalta que o paradigma do ato da fala está centrado na enunciação performativa, visto que efetivam uma ação. Nesse sentido, para que uma ação provocada pela fala tenha êxito, precisam ser cumpridas algumas condições, tais como: a enunciação do falante se referir a uma convenção; que seu uso seja apropriado à situação, sendo orientado por procedimentos aceitos; que os participantes da ação verbal se adequem à situação em que se cumpre a ação. Sob formas performativas há três atos de fala: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O autor considera fundamental para a pragmática textual os dois últimos.

Nesse sentido, explica que tais atos não são simplesmente frases, uma vez que sempre dependem de um contexto, sendo,

portanto, situados. De igual forma, o texto ficcional sempre ultrapassará o escrito, mantendo relações com aquilo que Iser (1996) chama de realidades extratextuais. Dessa maneira, a convergência (leitor-texto) ocorrerá quando essa realidade for dada previamente, culminando no entendimento daquilo que é comunicado pelo texto ficcional. Isso significa que “o texto ficcional deve apresentar ‘convenções’ e ‘procedimentos’, pois não se pode se realizar por meio de convenções estabilizadas e procedimentos usuais.” (ISER, 1996, p. 129).

Fechando o paralelismo, as convenções dos atos de fala equivaleriam, para Iser, ao repertório, os procedimentos às estratégias e a participação do leitor seria entendida como a realização. Nesse sentido, concordando com o entendimento de que o texto informa ao leitor, de algum modo, aquilo de que ele necessita para formular um contexto, é que se considera, nesta análise, o componente repertório.

Com base na perspectiva iseriana, o repertório está intimamente ligado àquilo que é familiar para o leitor. A partir disso, tem-se a convergência de aspectos que constituem uma situação da qual emerge o texto e que propiciam ao leitor a realização de correlações, elaborações e rearranjos. Borba (2007) explica que a obra em “repertório” incorpora regras, convenções e valores do sistema, sem referendá-los ou rejeitá-los, como normalmente acontece na sociedade. É importante ressaltar o caráter flutuante do repertório, tendo em vista que pode haver variação no modo como tais aspectos aparecem no texto.

Santos (2020) destaca que o leitor real só conseguirá se pôr em implicitude se do seu conhecimento prévio o texto partir, de modo a impulsioná-lo a atingir o que ainda não sabe. Sob esse ponto de vista, não seria adequado entender, por exemplo, o repertório como um simples reproduzir da realidade, uma vez que, segundo Iser (1996), os elementos do repertório oferecem o pano de fundo de que se originaram, não sendo plenamente idênticos nem a sua origem nem ao seu uso. O referido autor compreende como elementos do repertório as normas sociais, o contexto sociocultural e histórico e as convenções da literatura do passado (tradição literária), sendo, portanto, esses os aspectos analisados na obra *Pântano de Sangue*, de Pedro Bandeira.

No que diz respeito à argumentação, comumente é relacionada ao convencimento de alguém acerca de uma tese. Koch (2011) entende a argumentação como um ato de persuasão, no entanto, ressalta que a interação social por intermédio da língua é caracterizada pela argumentatividade, sendo o ato de argumentar, no sentido de orientar o discurso a determinadas conclusões, um ato linguístico fundamental.

No campo literário, tem-se uma nova perspectiva sobre o assunto, sendo que autores como Amossy (2016) e Piris (2015) concordam que a argumentação se dá não no sentido de conseguir adesão, pois sua finalidade principal nos gêneros ficcionais não é o convencimento. Conforme aponta Piris (2015, p. 195), a argumentação, levando em consideração o texto ficcional, “é

produzida graças também à forte recorrência aos efeitos de sentidos de real [...] os quais produzem efeitos de evidência ideológica, de modo que interpelam o sujeito-leitor a um retorno ilusório ao mundo empírico [...]”. Desse modo, assume-se o entendimento de que se o repertório é construído a partir da realidade, pressupõe-se, então, a existência de um leitor que já tem um conhecimento prévio e que poderá identificar assuntos e características ao longo da leitura, fazendo a ligação com o contexto real.

Nesse sentido, a argumentação se daria pela interação entre o leitor (o qual já possui informações) e a obra, que possui elementos selecionados para que as construções e as reelaborações sejam realizadas. Pode-se afirmar que esse é um movimento não linear, dependente das escolhas do autor, que situam a obra em determinados contextos e, também, das escolhas do leitor ao apreender ou reformular os espaços abertos ao longo da narrativa. É importante ressaltar que nem sempre o contexto criado pelo repertório será completo ao leitor, que pode não conseguir fazer a correlação se alguns desses elementos não lhes for familiar, mas entende-se que isso faz parte do processo de transfiguração do repertório quando assumido na ficcionalidade, o que impele o leitor a imaginar e completar os vazios e as sugestões da narrativa.

3 METÓDO DA PESQUISA

A pesquisa tem como objeto de análise a obra *Pântano de sangue*, de Pedro Bandeira. A escolha se deu baseada nos seguintes critérios: ser caracterizada como literatura policial; ser uma obra voltada ao contexto infanto-juvenil, tendo em vista sua possível utilização nos anos finais do ensino fundamental; ter sido produzida por escritor contemporâneo. Dessa forma, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que conforme Sodri (2013), emprega técnicas interpretativas para análise e compreensão de seu objeto de estudo.

Tendo em vista que se propõe a analisar aspectos de uma categoria, em específico, a pesquisa se vale da descrição, pois segundo explicita Gil (2002), tem seu foco voltado para as características daquilo que será analisado. A categoria foi definida a partir do que postula Iser (1996) para a composição do texto ficcional, que possui, originariamente, três partes: repertório, estratégias e realização. Optou-se pela primeira por entender que se refere ao aspecto mais material do texto literário. A partir disso, consideram-se três subcategorias dentro do repertório: a norma, a tradição literária e o contexto histórico-social.

Previamente, foi realizada uma leitura integral da obra com o objetivo de captar a (s) temática (s) abordada (s). Apesar da pesquisa não ter a pretensão de se configurar como uma crítica literária, avaliou-se que alguns recursos derivados da técnica

“leitura cerrada” seriam apropriados para a análise. Conforme explicita Durão (2020, p. 38) trata-se de uma técnica que dispensa uma “atenção extrema aos potenciais de significação do texto em todas as suas dimensões”. Sendo assim, implica em uma proximidade com o texto, permitindo captar detalhes e relacioná-los com aquilo que seria o sentido geral.

Sendo assim, optou-se por fazer uma segunda leitura, de natureza mais analítica, e a partir disso, foram destacados trechos específicos e, em seguida, associado o seu conteúdo às subcategorias já antes definidas. Esse destaque corresponde à fase 1 da leitura cerrada. Posto isso, os dados recolhidos foram interpretados, procurando explicitar a relação entre a disposição dessas informações ao longo da obra e a construção do repertório, assim como a descoberta e o entendimento desse aspecto contribuem para a interpretação do leitor. Essa articulação do imaginado com o texto equivale à fase 3 da leitura cerrada.

Após a análise, foi elaborada uma proposta de ensino, voltada para alunos dos anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental, nível em que esta autora atua como professora de língua portuguesa. Desse modo, foram estruturadas quatro etapas com aplicabilidade possível no período de quatro semanas. É importante frisar que não se trata de uma sequência didática propriamente dita, tendo em vista que as etapas ficam abertas para que o professor ajuste a quantidade de aulas conforme sua necessidade. Optou-se por diversificar as metodologias em cada etapa, uma vez que os

objetivos de cada uma são diferentes, a intenção, portanto, é que o aluno vá construindo uma reflexão crítica da obra até formular seus próprios argumentos.

4 ANÁLISE

Pântano de Sangue é uma narrativa policial juvenil lançada em 1987 por Pedro Bandeira. A história tem como pano de fundo o Pantanal e aborda importantes questões sociais, como o tráfico de animais e a devastação ambiental, à medida que um grupo de adolescentes, denominado *Os Karas*, investiga a morte de um professor de matemática da escola onde estudam. A obra conta com muitos elementos de ação, suspense e, até mesmo, romance.

Importa lembrar que esse é o segundo livro da coleção *Os Karas*. Dessa maneira, as desventuras desse grupo secreto iniciaram-se na obra *A droga da obediência*³. Percebe-se que uma das características marcantes da escrita de Pedro Bandeira nessa coleção é a crítica social, sendo que o autor insere adolescentes em contextos adultos para que possam lidar com densos problemas sociais que são, inclusive, facilmente observados na realidade brasileira.

3 A obra foi lançada em 1984. Conforme sintetiza Bandeira (1992), em um clima de muito mistério e suspense, cinco estudantes — os Karas — enfrentam uma macabra trama internacional: o sinistro Doutor Q.I. pretende subjugar a humanidade aos seus desígnios através de uma perigosa droga que está sendo testada em alunos dos melhores colégios de São Paulo.

4.1 As normas sociais

Uma norma pode ser entendida como um padrão que se torna recorrente em uma sociedade que o compreende como necessário para manutenção da ordem. Para Vieira e Costa (2016), a norma social estabelece orientações quanto ao modo como devem ser constituídas as relações entre os indivíduos, dessa forma, as normas sociais expressam quais os comportamentos corretos e incorretos. Além disso, os autores atentam que a norma social pressupõe, necessariamente, uma sanção caso seja violada.

Desde a obra antecessora, *A droga da obediência*, o perfil dos adolescentes protagonistas já podia ser observado. Miguel é caracterizado como o líder do grupo, tendo, portanto, características valorizadas como proatividade, tomada de decisão e racionalidade. Chumbinho representa a curiosidade, esperteza e valentia. Magri é apresentada como esperança do Brasil nos jogos olímpicos, relaciona-se, portanto, à esportividade, doçura e valentia. Crânio é a figura mais introspectiva do grupo, faz alusão à importância de estudar e à valorização da amizade. Já Calu traz consigo o universo artístico, representa o bom-humor e a extroversão. Percebe-se que se trata de um grupo heterogêneo e que cada componente carrega consigo valores muito bem vistos na sociedade, que são repassados tanto pela família, quanto pela escola. Ao longo da obra em análise, percebe-se que a distinção entre “certo” e “errado” é bem marcada pelo embate de grupos opostos: Os Karas e os traficantes que atuam no Pantanal.

No início da narrativa, ao introduzir o crime que desencadeia a história, o autor escreve: “Tinha sido um professor. Um ser humano. Dos melhores.” (BANDEIRA, p. 7, 2014). Ao destacar a profissão, ao mesmo tempo em que situa a vítima para o leitor, usa-se do substantivo como uma qualidade que mais tarde é reforçada pela decisão de investigar o crime por parte dos alunos, ou seja, “professor” vira sinônimo de profissionalismo, dedicação a seu público... O mesmo se aplica ao termo “humano” que, na verdade, faz referência à humanidade observada no personagem. Além disso, a própria pontuação é utilizada para dar evidência às qualidades da vítima.

Ao introduzir o detetive Andrade, outro importante personagem, destaca-se o fato dele ser um “amigo dedicado, persistente, sempre suando quando tinha sobre os ombros algum problema...” (BANDEIRA, p. 9, 2014). Na história, apesar de Andrade ser um policial do estado de São Paulo, acaba por pedir licença para investigar o desaparecimento de Crânio no Pantanal. Percebe-se que há por trás das ações desse personagem uma consideração pelo grupo de adolescentes que beira, em alguns momentos, ao paternal: ““Só mesmo estes meus queridos garotos!” — pensou Andrade, orgulhoso como um pai.” (BANDEIRA, p. 188, 2014). De certa forma, isso induz a pensar acerca do papel das autoridades policiais que seria, justamente, proteger as pessoas e aqueles mais vulneráveis, isso fica perceptível quando o detetive recusa em um primeiro momento a ida dos garotos ao Pantanal.

Além do exposto, na figura de Andrade pode ser captada a honestidade que uma autoridade policial deveria ter, conforme os valores sociais, tendo em vista que é um funcionário que não se deixa corromper pelas situações, assumindo uma postura ética, como é exposto na seguinte passagem: “Andrade é o tipo de sujeito que acredita nas providências oficiais.” (BANDEIRA, p.98, 2014). Mesmo quando ele é obrigado a se desviar dos meios oficiais, seja investigando um crime fora de sua alçada ou inventando uma excursão como pretexto para a ida de seus amigos à viagem, tais atitudes são justificáveis no contexto da narrativa e do ponto de vista social, porque a finalidade é vista como nobre.

Se por um lado, observa-se na obra algumas normas sociais, por outro tem-se o avesso delas, aqueles comportamentos reproduzidos pelos personagens antagonistas. Nesse sentido, destaca-se o “Ente”, vilão da narrativa, que é descrito como “uma espécie de tesoureiro do crime organizado [...] alguém poderoso e influente no Pantanal. Alguém acima de qualquer suspeita.” (BANDEIRA, p.26, 2014). É interessante como o autor fez a condução desse personagem, uma vez que a imagem do vilão fica escondida ao longo de toda a história, no entanto, é possível perceber sua influência nas ações dos personagens secundários, que agiam conforme as instruções do Ente. Ao longo da narrativa, vai ficando mais fácil perceber que ele é, na verdade, Matilde, tia do Crânio. Até então, tida como uma senhorinha generosa com a população, rica e com algumas extravagâncias, como evidenciam

os trechos: “Acha estranho que eu também chame sua tia Matilde de tia? Ela também é tia de todo o Pantanal. Uma tia muito querida [...]” (BANDEIRA, p. 36, 2014); “Ah, a velha tia Matilde estava chegando naquele avião rosa-choque [...]” (BANDEIRA, p. 39, 2014); “[...] a fortuna de tia Matilde era suficiente para manter o avião sempre novo.” (BANDEIRA, p. 43, 2014).

Desse modo, na condução peculiar da narrativa, infere-se que muitas normas são violadas por pessoas que, devido ao seu poder econômico e influência social, adquirem um *status* de invisibilidade, escapando, em boa parte das vezes, das sanções sociais ou jurídicas. Abre também espaço para que o leitor reflita como aqueles que não dispõem desse “privilégio” acabam servindo como massa de manobra do crime organizado.

Por fim, outras quebras podem ser observadas nas ações do grupo criminoso, como o cemitério de jacarés encontrado por Crânio e pelo índio Robson, a chacina de corpos humanos no mesmo cenário, que conforme a narrativa balançavam ao vento “pendurados no alto das árvores” (BANDEIRA, p. 65, 2014). Aliado a isso, há o tráfico de drogas, o rapto e assassinato de pessoas que, porventura, descobrem o esquema e são submetidas a um “tratamento”, que consiste em “injetar cocaína e heroína à força, até você esquecer seu próprio nome e desejar a morte [...]” (BANDEIRA, p. 73, 2014).

4.2 Contexto sociocultural e histórico

A obra em análise foi publicada em 1987, um ano antes da promulgação da Constituição Federal. No contexto da década de 1980, a pauta ambiental ganhou destaque, principalmente no que se refere à consciência e preservação ambiental. Pott e Estrela (2017) apontam que, especificamente no ano de 1987, foi publicado o relatório “Nosso futuro comum”, determinando a necessidade de se estabelecer uma nova forma de relação com o meio ambiente, aparecendo pela primeira vez a expressão “desenvolvimento sustentável”.

Tal preocupação é um aspecto aparente na história à medida que se percebe a ênfase na questão da exploração indiscriminada de recursos do Pantanal e seus impactos para o ecossistema local. É construído, ao longo da narrativa, um discurso com viés conscientizador, de modo que o leitor infira a necessidade de preservação do meio-ambiente. Nesse sentido, apesar dessa intencionalidade ser observada na fala de outros personagens, é na figura do Senador que ela se mostra com mais veemência. A título de exemplificação, destaca-se as seguintes falas do personagem: “Olhe para baixo, Crânio. Veja o paraíso [...]. Mas se você olhar direito é capaz de chorar. A estupidez, a miséria e a ganância estão acabando com o Pantanal.” (BANDEIRA, p. 45, 2014); “[...] O nosso sistema exige que um lavrador produza muito, cada vez mais, sem preservar a natureza.”; “[...] A derrubada e a queimada

das árvores para criar pastagens vão levar o Pantanal à extinção em algumas décadas [...]”. (BANDEIRA, p. 49, 2014).

Pelo exposto, percebe-se que, além do enigmatismo de algumas condutas que levam a questionar se o Senador é o vilão, a função do personagem é expor os problemas vivenciados pelo Pantanal, ao passo que fornece motivos para o leitor compreender por que a preservação é importante, dando espaço, inclusive, para que o leitor reflita sobre o desenvolvimento sustentável (tópico emergente à época do lançamento da obra).

Destaca-se também, o fato de que, logo nas cenas iniciais, ao ser questionado por Crânio se era realmente um Senador, o personagem explica o título que carrega dizendo que lhe foi atribuído como demonstração de respeito pelos moradores. Aqui, percebe-se que a atribuição de nomenclaturas (assim como o que aconteceu com Matilde) a figuras com poder econômico e status social, também demonstra a subordinação de um povo que acaba por subjazer diante daqueles que se destacam na sociedade, tanto que o jeito servil de personagens secundárias ao interagir com o Senador é captado em alguns trechos: “Com licença, Senador – gaguejou o tenente” (BANDEIRA, p. 38, 2014) e justificado em outros: “Em pouco mais de uma hora, o Senador seria capaz de descobrir qualquer coisa e mandar quem quisesse para o lugar que bem entendesse.”. (BANDEIRA, p. 44, 2014).

Atrelado à questão ambiental, também é abordado na obra o processo de “embranquecimento” do índio, o que pode levantar

debates sobre a perda de terras indígenas para a agricultura e a corrupção que acaba atingindo o próprio povo nativo. Nesse sentido, do ponto de vista sociocultural, a narrativa sugere ao leitor que a preservação de um ambiente se relaciona a fatores culturais e identitários. Na história, o grande representante dessa problemática é o índio Robson, que é apresentado como um homem de “porte altivo e um físico de dar inveja a qualquer atleta” (BANDEIRA, p. 56, 2014), em contrapartida, tanto a forma como se arrumava: “Cabelos penteados e fixados à força de gomalina, óculos escuros e uma camiseta nova, onde se lia o nome de uma universidade americana.” (BANDEIRA, p. 56, 2014), quanto os acessórios que carregava: “Pendurado na cintura, um radinho a pilha berrava um rock de sucesso, quase impedindo a conversação.” (BANDEIRA, p. 56, 2014), fizeram com que Crânio, a princípio, duvidasse de que se tratava de um indígena.

A incorporação de um nome “branco”, assim como de elementos que não são próprios da cultura indígena, evidenciam ao leitor que há um apagamento, cada vez mais frequente, da identidade do índio, ao ponto de Robson evidenciar que os contrabandistas “faziam de cada índio miserável do Pantanal um assassino de jacarés. Um destruidor do próprio meio, cuja destruição o tornara miserável.” (BANDEIRA, p. 58, 2014). No entanto, próximo do fim da narrativa, o índio Robson assume seu verdadeiro nome, “Araguaçu”, o que sugere que houve um reencontro do personagem com suas origens e que ainda é possível

haver um resgate cultural com a diminuição da interferência branca nos espaços indígenas, o que faz com que o leitor esbarre novamente no aspecto da preservação ambiental.

4.3 A tradição literária

Neste tópico, a tradição literária é interpretada à luz do que aborda Iser (1996), referindo-se, portanto, às convenções da literatura do passado. Nesse sentido, é necessário que se tome por base o cânone da literatura policial para que possam ser vislumbrados quais aspectos foram incorporados ou rompidos na obra de Bandeira. Nessa perspectiva, Todorov (1971) considera o romance de enigma como o romance policial clássico. Neste, destaca-se Edgar Allan Poe como precursor, dessa forma, Boileau e Narcejac (1991) afirmam que o romance policial é um gênero com traços tão marcados que apenas desenvolveu virtualidades que já eram de sua natureza, não tendo evoluções significativas desde Poe. Sendo assim, os autores destacam três elementos essenciais ao romance policial: a vítima, o criminoso e o detetive.

Em *Pântano de sangue*, percebe-se a manutenção desses três elementos: o professor de matemática como a vítima, o Ente (Tia Matilde) como o criminoso, os Karas e Andrade como detetives. Além disso, Todorov (1971) chama a atenção para o fato de que o romance de enigma contém duas histórias: a do crime e a da investigação. O autor explica que a primeira conta o que de fato

aconteceu, já a segunda explica como o leitor/narrador tomou conhecimentos dos fatos. As duas podem ser percebidas na obra em análise, a morte do professor de matemática, por exemplo, apesar de constituir a primeira cena da história, não é explicada, permanecendo oculta e sendo desvendada no decorrer das ações, o que constitui a segunda história.

No entanto, mesmo seguindo um padrão de personagens estabelecido desde Poe, podem ser observadas algumas transgressões, como a quebra da “imunidade do detetive” (TODOROV, 1971), uma vez que na história, os detetives passam por situações instáveis e perigosas. O próprio Crânio (um dos personagens focais) tem seu desaparecimento revelado logo no início da narrativa. Após a inserção dos outros Karas e de Andrade no cenário pantaneiro, alguns deles também acabam sendo capturados, como evidenciam os seguintes trechos: “Sob a mira dos fuzis, Andrade, Magri e Chumbinho foram obrigados a entrar em um jipe descoberto.” (BANDEIRA, p. 105, 2014); “Os homens que levaram Calu até o casarão não agiam com brutalidade, mas também não admitiam diálogo.” (BANDEIRA, p. 108, 2014). Essa vulnerabilidade fica subentendida também em Miguel, enquanto fazia as investigações na cidade, já que durante a maior parte da narrativa paira uma dúvida sobre a figura do Senador, que o acompanha ao longo das investigações: “Não há nada que possamos fazer agora. Miguel está nas mãos do maldito Ente!” (BANDEIRA, p. 161, 2014).

Também podem ser percebidos os jogos intertextuais, outro aspecto que, segundo Reimão (1983), permanecerá no romance policial de Poe e, de modo geral, tem alta presença no gênero policial. Nesse sentido, tais jogos são encontrados na obra em análise pela repetição dos personagens protagonistas, que vieram do livro antecessor “A Droga da Obediência”, e pela retomada do cenário principal em que se passou a primeira história. Sendo assim, a intertextualidade pode ser observada em trechos como: “Naquela manhã de junho, as aulas do Colégio Elite começavam de modo trágico demais.” (BANDEIRA, p. 7, 2014); “[perigo] Como aquele que os cinco adolescentes haviam enfrentado na luta contra o sinistro Doutor Q.I. e sua Droga da Obediência.” (BANDEIRA, p. 8, 2014).

Apesar de manter muitas características do romance policial clássico, observa-se uma aproximação da obra com o que Todorov (2006) chama de romance de suspense, isso porque mistura elementos do romance de enigma com os do romance negro. A caracterização do detetive, por exemplo, foge ao padrão clássico, não há um único personagem que concentra distinção e racionalidade, as habilidades se espalham entre os cinco adolescentes e são usadas de modo complementar. Andrade, inclusive, não atende ao ideal policial, sendo constantemente ressaltado pelo narrador o fato de ser gordo, careca e suar feito um porco.

Outro ponto que aproxima a narrativa do romance negro é a forma crua como algumas cenas são apresentadas, evidenciando detalhes chocantes ao leitor, como quando Crânio percebe que um bebê morto fora utilizado como esconderijo de drogas: “Apesar de todo o calor do centro-oeste, o bebê estava gelado. — Meu Deus! O bebê está...” (BANDEIRA, p. 33, 2014), ou quando se descreve o corpo do piloto achado no rio: “Foi encontrado numa canoa, com uma bala nas costas e a mão mutilada pelas piranhas...” (BANDEIRA, p. 20, 2014).

Enfim, a narrativa demonstra em suas cenas finais que o “efeito único”, descrito por Poe, que seria o explicitar da verdade, não é atendido plenamente, pelo menos não da maneira convencional. Primeiro porque o jogo racional e metódico, típico do detetive clássico, é rompido à medida que ocorrem deduções erradas até chegar, finalmente, à revelação do criminoso. Segundo está o fato de a verdade não ter sido desvendada por completo pelos detetives, nessa esteira, um dos mistérios é revelado pelo narrador ao fim da história ao relatar que um macaco estava de posse dos *slides* perdidos pelo professor e não Tia Matilde, como acreditaram. Além disso, apesar de ficar subentendido que Matilde morre ao cair no oceano, o criminoso não recebeu uma sanção, propriamente dita, uma vez que conseguiu escapar, ao passo que os detetives não obtiveram nenhum crédito por desvendar o mistério, ficando ocultas suas ações, assim como no livro antecessor.

4.4 O lugar da argumentação

Conforme foi explicitado, o repertório é construído para que se forme uma situação em torno do texto, estabelecendo uma relação de identificação do leitor com a obra. Nesse sentido, pode-se afirmar que os elementos que foram analisados foram escolhidos e dispostos na composição da narrativa porque o autor tem um objetivo que precisa ser alcançado. Na nota autoral após a história, Bandeira (2014) enfatiza que o importante não é gostar ou concordar com o que escreve, e sim pensar no assunto.

Dessa maneira, conclui-se que o objetivo primário é fazer com que o adolescente reflita sobre as questões sociais abordadas. Nessa perspectiva, busca-se apoio em Amossy (2016) quando explica que a argumentação em situação de ficção não parte de conseguir uma decisão imediata, pode, ao contrário, destacar uma questão sem propor uma solução unilateral, sendo assim, a autora explica que utilizada no texto de ficção, a argumentação permite que ele desenvolva estratégias de adesão que vão desde o reforço de valores vigentes até sua problematização.

É exatamente isso o que se constata no texto pela análise de seu repertório. O primeiro, e talvez, mais evidente recurso argumentativo é usar adolescentes para dialogar com adolescentes, tendo em vista que promove um reconhecimento imediato do público-alvo. Atrelado a isso está a heterogeneidade que compõe o grupo e que faz com que o leitor resgate as características

dos personagens principais do seu próprio contexto escolar. Outra estratégia é a inserção dos adolescentes em um contexto totalmente adulto, em que destrinçam os problemas a partir das habilidades que lhes são próprias. Posto isto, o autor não faz uma narrativa óbvia, ao contrário disso, usa muitas cenas de violência e uma linguagem crua, objetiva, o que contribui para que o leitor assuma a posição de que pode pensar e agir sobre situações que, tipicamente, são resolvidas por adultos.

O “reforço de valor”, mencionado por Amossy (2016), pode ser constatado no elemento “normas sociais”, quando ao longo da narrativa, são reafirmadas ações que remetem à persistência, honestidade, inconformismo e à amizade, por exemplo. A partir disso, o convencimento do leitor a assimilá-los se dá pela estruturação da ideia de que se a pessoa possui e desenvolve uma personalidade parecida com a dos protagonistas, ela também será capaz de ter credibilidade perante os outros de seu círculo social, podendo ter um papel ativo no mundo, mudando-o para melhor.

Para conseguir a reflexão por parte do leitor, é necessário reuni-lo de informações, apresentando de forma clara os fatos. Nesse sentido, os argumentos são apresentados de modo mais explícito pelo diálogo entre os personagens, o interessante é que ao mesmo tempo em que essa apresentação ocorre para o leitor, também acontece para os protagonistas, que, até então, não tinham consciência sobre o que acontecia no Pantanal. Nesse contexto, as falas do Senador e do índio Robson são cruciais para

a explicitação da problemática, delas podem ser retirados vários argumentos que suscitam o leitor a refletir sobre a situação.

Nota-se, portanto, que um ponto de vista é assumido na narrativa, no entanto, a argumentação em torno dele se dá não no sentido de fazer com que o leitor o acate como correto ou adequado, mas sim para que sejam abertas discussões em seu entorno. O jogo argumentativo pautado em valores e problemas sociais dá abertura para que o leitor formule a sua própria conclusão: o que motivou Matilde, uma mulher que já era rica, a se envolver com o tráfico ambiental? Por que em certos momentos, Robson parece desprezar a sua própria cultura? Por que pessoas que demonstram uma consciência social e boas intenções são sempre questionadas, a exemplo do Senador? Essa e outras ramificações ilustram o caráter diretivo e orientador da argumentação construída na obra de Bandeira.

5 PROPOSTA DE ENSINO

O objetivo da proposta é oportunizar aos alunos a reflexão acerca da problemática principal da obra, de modo que assumam um ponto de vista e desenvolvam argumentos que o sustentem. As etapas apresentadas foram organizadas considerando um período de execução de quatro semanas: duas para apresentação (etapa 1) e leitura da obra e duas para desenvolver as atividades propostas a partir da etapa 2.

Etapa1: apresentação da obra, do autor e do gênero.

Fugindo do método tradicionalista, começa-se apresentando o gênero. O professor pode distribuir *post-its* ou pedaços de papel aos alunos, a seguir coloca no centro do quadro a expressão “gênero policial”, nesse momento, usando a técnica de *brainstorm*, pedirá que os alunos escrevam o que lembram ou sabem acerca do gênero. Com base nas respostas, o professor explica as principais peculiaridades da narrativa policial e informa que, no Brasil, há autores que se dedicam a esse estilo.

A partir daí, o professor pode comentar sobre Pedro Bandeira, enfatizando que o autor publicou uma série de livros que contam aventuras de um grupo de adolescentes, chamado os Karas, quando decidem investigar crimes misteriosos. Sugere-se que se faça um “Você sabia?” com os alunos, escrevendo as informações mais importantes e curiosas sobre o autor em cartões e pedindo que alguns alunos escolham um daqueles para leitura e socialização.

Por fim, o professor distribui cópias com a sinopse da história, de modo que os alunos leiam e comecem a formular hipóteses sobre o que poderá acontecer na trama. De modo a registrar os palpites, o professor solicita que cada aluno escreva sua sugestão em um pedaço pequeno de papel, guardando-as em um pote ou uma caixa para que sejam confirmadas ao final da leitura. Como forma de monitoramento da leitura, o professor pode pedir feedbacks ao fim de cada semana.

Etapa 2: *feedback* da leitura.

Esta etapa não é destinada a um aprofundamento na obra, mas sim a compartilhar as impressões que os alunos tiveram da história. Dessa forma, esse momento se destina a avaliar se a leitura realmente foi realizada de forma integral e também a perceber como os alunos interpretaram a história.

Para tanto, o professor promoverá uma mesa redonda, em que será o mediador. A mesa será organizada em cinco sessões, as quatro primeiras ocorrerão intercalando uma sessão monitorada e outra livre. Para as monitoradas, o professor deverá elaborar questões, sugere-se uma média de 5 questões para cada rodada. Nas livres, os alunos se manifestarão expondo uma visão mais particular da leitura. Na última sessão, a caixa de hipóteses (realizada na etapa 1) deverá ser aberta para que os alunos averiguem se as expectativas com relação à obra foram atendidas.

Etapa 3: construindo uma árvore de problemas.

Tendo em vista o objetivo da obra de promover a capacidade reflexiva do leitor, optou-se, nesta etapa, por utilizar a ABP. Ribeiro (2008) explica que se trata de uma metodologia caracterizada pelo uso de problemas do dia a dia para estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades de resolução de problemas.

O professor deverá mencionar que na obra são apresentadas questões sociais que ainda são relevantes atualmente, desse modo, em cooperação a turma deverá chegar à problemática central da narrativa. No passo seguinte, o professor explica que os alunos irão construir uma árvore de problemas (é importante providenciar antecipadamente as peças: tronco, copa e raízes). Coral, Ogliari e Abreu (2009) explicam que a árvore de problemas é uma ferramenta utilizada para identificar as causas e consequências de uma situação que precisa de soluções.

Tendo explicado o funcionamento da árvore e seu objetivo, os alunos colocaram no tronco o problema a ser analisado e montarão a copa da árvore com as consequências que são geradas a partir dele. Espera-se que eles resgatem alguns desses efeitos a partir do repertório da própria narrativa, tendo em vista que se constituem como uma estratégia argumentativa. O professor pode explicar que uma consequência pode gerar outras, semelhante ao que acontece com os galhos de uma árvore, que possuem ramificações.

Para compor as raízes, os alunos deverão pensar naquilo que pode contribuir para que o problema ocorra, mais uma vez, espera-se que eles relembrem da narrativa e a partir disso, aprofundem a reflexão. Montada a árvore, os alunos terão refletido sobre o problema central e poderão visualizar mais facilmente algumas de suas causas e como elas afetam a sociedade.

Etapa 4: assumindo um ponto de vista e propondo uma solução.

A partir da reflexão promovida na etapa anterior, os alunos deverão assumir as motivações para a ocorrência do problema que acharem mais relevantes. É aqui que os alunos desenvolverão argumentos que justifiquem a persistência do problema na sociedade, podendo usar como base as consequências evidenciadas na árvore, propondo uma solução ao final. As ideias não precisam estar organizadas, necessariamente em um texto de natureza dissertativa-argumentativa, o aluno não precisa se apegar a uma estrutura textual, apenas organizar seus argumentos e construir uma intervenção. Após isso, cada um poderá expô-las oralmente.

Findado este processo, o docente pode adaptar as sugestões dos alunos à realidade local, construindo com a turma um projeto intervencionista de caráter interdisciplinar. Entende-se que isso se configura como mais uma oportunidade de aproximação dos alunos com a obra analisada, uma vez que eles terão a oportunidade de resolver, assim como os Karas, problemas de sua própria comunidade.

6 CONCLUSÃO

A análise permitiu constatar a afirmação iseriana de que a ficção comunica algo sobre a realidade. Muitos elementos do contexto infanto-juvenil foram absorvidos pela obra de Bandeira,

além disso, o fato de ser uma espécie de continuação das aventuras dos Karas, contribuiu para munir o leitor de informações que servirão para construir o contexto da obra, facilitando o resgate desse repertório. Por outro lado, a obra consegue ser entendível para aqueles leitores que, porventura, não tiverem lido o livro antecessor, tendo em vista que consegue fazer a relação com o real.

Para além dessa familiaridade construída pelo repertório, ficaram evidentes as transmutações ao longo da narrativa, aspecto onde se insere a ficcionalidade da obra. Desse modo, as quebras de algumas características do romance policial tradicional serviram para deixar a narrativa mais realista e próxima do leitor, principalmente por sugerir que o público infanto-juvenil é capaz de questionar e intervir em problemas relevantes da sociedade, o que reafirma o papel formativo e social da literatura.

A argumentação se deu à medida que os elementos do repertório foram utilizados para promover uma interação entre leitor e obra, de modo a reforçar valores, apresentar informações e conduzir o leitor a reflexões. Sendo assim, constata-se que na obra *Pântano de Sangue*, o autor utiliza elementos do repertório como estratégia argumentativa para fazer com que o leitor assuma uma postura crítico-reflexiva. A partir disso, a obra mostra viabilidade para ser aplicada a alunos dos anos finais do ensino fundamental, tanto como meio de aproximação destes com obras literárias, quanto como forma de fazê-los desenvolver sua própria capacidade argumentativa.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. A interação argumentativa no discurso literário: da literatura das ideias ao relato de ficção. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 29, n. 2, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p5-41>. Acesso em 03 dez. 2021.

BANDEIRA, Pedro. **A droga da obediência**. 90. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

BANDEIRA, Pedro. **Pântano de Sangue**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2014.

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. **O Romance Policial**. São Paulo: Ática, 1991.

BORBA, M. A. J. de O. Uma estética do performativo: concepção de literatura pela teoria do efeito estético. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 47, n. 2, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/477/578>. Acesso em: 03 dez. 2020.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DE SORDI, José Osvaldo. **Elaboração de pesquisa científica: seleção, leitura e redação**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIRIS, Eduardo Lopes. A argumentação no discurso ficcional literário. *In: Bernardo-Santos, Wilton James; Lima, Geralda de Oliveira Santos;*

Cardoso, Ana Maria Leal (Orgs.). **Discurso, literatura e ensino: análise e reflexão**. Aracaju: Criação, 2015. p. 193-2013.

POTT, Crisla Maciel; ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>. Acesso em 03 dez. 2021.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

RIBEIRO, L.R.C. **Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): uma experiência no ensino superior**. São Carlos: UFSCAR, 2008.

SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. Atos de ficcionalizar e emancipação do leitor: para além do oxigênio. **Revista Graphos**, v. 22, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1516-1536.2020v22n2.52620>. Acesso em: 04 dez. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VIEIRA, Cristina Pereira; COSTA, Paulo Manuel. Norma Social. In: Maia, R. L. *et al.* **Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade**. Lisboa: Edições Sílabo, 2016. p. 339-341.